

## Sena, o anti-Pessoa de Eduardo Lourenço

Joana Meirim

*Universidade Nova de Lisboa*

### Resumo

Partindo da ideia, já assinalada por alguma crítica, de que Eduardo Lourenço convoca frequentemente o autor da *Mensagem* para o estudo e interpretação de outros poetas modernos ou dos seus contemporâneos, este artigo pretende analisar a visão orgânica dos ensaios que Lourenço dedicou a Jorge de Sena. Nessa análise pretende-se mostrar como o ensaísmo crítico de Lourenço é um importante contributo para a biografia intelectual daquele que considerou a “posteridade autêntica” de Pessoa.

**Palavras-chave:** Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, Pessoa, Crítica, Biografia intelectual.

### Abstract

Considering the idea, already pointed out by some critics, that Eduardo Lourenço often uses the author of *Mensagem* to study and interpret modern poets or their contemporaries, this article aims to analyse the organic vision of the essays that Lourenço dedicated to Jorge de Sena. The aim of this analysis is to show how Lourenço’s critical essays are an important contribution to the intellectual biography of the author which he considered as the “authentic posterity” of Pessoa.

**Keywords:** Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, Pessoa, Criticism, Intellectual Biography.



[...] no essencial a componente anticrítica constituiu a motivação ao mesmo tempo passional e intelectual da exegese literária que me interessava. À obsessão de julgar a Obra, antepôs-se-me a urgência de uma espécie de osmose com ela, de modo a que o meu discurso sobre ela fosse uma espécie de duplo, não do seu próprio discurso — o que nenhuma Obra é —, mas da claridade, da evidência interna, do movimento, em suma, da vida iluminante que na Obra existe, por ser o que é.

Eduardo Lourenço, *Tempo e Poesia*

No ensaio “Crítica e Metacrítica”, Eduardo Lourenço refere-se à decisão de ter os poetas como guias primordiais do seu “acto crítico” e de este, quando autêntico, dever ser entendido como um “contínuo acto de amor” (2023: 21). A poesia e a poética de Fernando Pessoa foram essenciais para esta resolução: o autor de *Mensagem*, como já foi avançado por alguma crítica, é, de certa forma, a bússola interpretativa de Eduardo Lourenço, lendo este os outros de acordo com os ponteiros pessoanos. No ensaio “O Desarrumador Infinito”, Carlos Mendes de Sousa refere precisamente o facto de Lourenço convocar frequentemente Pessoa para o estudo e interpretação de outros poetas modernos ou dos seus contemporâneos:

Pessoa é para Eduardo Lourenço o guia-intérprete da modernidade [...]. Pode dizer-se que a presença de Pessoa e a reflexão sobre a modernidade, de uma forma ou de outra, estão subjacentes a quase todas as leituras que, em contraponto, o ensaísta faz dos poetas modernos e contemporâneos. [...] O profundo conhecimento da poesia e da poética pessoanas permitem-lhe como a ninguém estabelecer nexos, encontrar ecos, detectar diálogos improváveis. Pode traçar-se uma cartografia das leituras lourencianas que nos possibilite ver o impacto dessa voz matricial, em todos os textos sobre os poetas seus contemporâneos (Sousa, 2021: 62–63).

Entre os poetas contemporâneos, o caso de Jorge de Sena tem lugar preeminente, pretendendo este ensaio traçar uma parte da “cartografia” das reflexões lourencianas sobre Jorge de Sena, de maneira a desvelar a visão orgânica da sua leitura, apesar de repartida por diferentes textos. Os ensaios que Eduardo Lourenço dedicou a Jorge de Sena constituem preciosos fragmentos de uma biografia intelectual daquele que o crítico considerou “ao mesmo tempo posteridade de Pessoa [...] e a encarnação de um *anti-Pessoa*”<sup>1</sup> (2020b: 107). Fernando Pessoa será

<sup>1</sup> Todas as referências aos ensaios de Eduardo Lourenço sobre Jorge de Sena, bem como à correspondência trocada

assim pretexto para revisitar a leitura de Eduardo Lourenço sobre a obra e a figura literária de Jorge de Sena, dando especial atenção à forma como progressivamente a foi desenhando e definindo como contraponto à poesia e poética do autor de *Mensagem*. Os textos críticos que Lourenço dedicou a Sena revelam um conjunto de intuições fulgurantes sobre aquele que considerou ser o nome de toda uma geração (2020b: 77). Neles, nas várias referências espalhadas pela sua produção ensaística e nas cartas-ensaios que lhe dirigiu, detém-se com todo o empenho e brio na análise e no comentário das obras que lhe iam chegando, num “corpo-a-corpo com a terrorizante massa” (2020b: 263) da criação seniana.

Se consultarmos o índice das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço<sup>2</sup> já publicadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, é curioso notar que, a par do volume dedicado a Camões, editado por José Augusto Cardoso Bernardes, do volume dedicado a Antero de Quental, coordenado por Ana Maria Martins, e dos dois volumes de crítica pessoana, na edição de Pedro Sepúlveda, não há mais nenhum volume dedicado a um único autor, ainda para mais seu contemporâneo, com exceção de Jorge de Sena. Tal facto é ainda mais interessante se tivermos em consideração que alguns destes ensaios têm aqui uma segunda edição, tendo sido antes incluídos no volume III das *Obras Completas*, *Tempo e Poesia*, de 2016, coordenado por Carlos Mendes de Sousa. Significa isto uma admiração muito particular pela *personagem* Jorge de Sena? É Eduardo Lourenço quem evidencia essa admiração suprema em inúmeros momentos, nomeadamente na introdução à correspondência com Sena, assinalando uma certa desigualdade entre os interlocutores das missivas, e sem melindre reconhecendo que a personagem principal das cartas — destas e de todas as outras correspondências — era sempre Jorge de Sena:

Daí que de algum modo as minhas cartas para Jorge de Sena sejam, ao fim e ao cabo, uma maneira de me ocupar do caso e do personagem cultural ‘Jorge de Sena’. Não o lamento. Lamento o que falta nelas e até o pouco que nelas se pode descobrir do interesse e da admiração que a prodigiosa produção de Jorge de Sena me mereceu (2020b: 160).

---

entre ambos, serão indicadas apenas pela data e página da seguinte edição: Eduardo Lourenço, *Obras Completas. Jorge de Sena, Contemporâneo Capital*, vol. X, coord., introd. e notas de Gilda Santos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.

<sup>2</sup> Cf. [https://gulbenkian.pt/publication\\_author/eduardo-lourenco/](https://gulbenkian.pt/publication_author/eduardo-lourenco/) (consultado em 16/06/2024).



A relação entre os dois foi mais marcada pela “sintonia de ‘exilado’ e de ‘exílios’” (2020b: 209) do que por encontros presenciais. Eduardo Lourenço foi em parte responsável pelo convite dirigido a Jorge de Sena para, em agosto de 1959, participar no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Salvador da Baía,<sup>3</sup> colóquio onde Sena viria justamente a apresentar uma comunicação pessoana, “‘O Poeta É um Fingidor’ (Nietzsche, Pessoa e Outras Coisas Mais)”. O ano de 1959 é também o início do tempo brasileiro de Sena e o ano em que é possível fazer aquilo que mais desejava, deixar de ser engenheiro da Junta Autónoma de Estradas para se tornar professor universitário de literatura.

Os ensaios reunidos na edição do volume X das Obras Completas de Eduardo Lourenço, intitulado *Jorge de Sena. Contemporâneo Capital*, da responsabilidade de Gilda Santos, vão de 1967 a 2009. Nele, são publicados 16 textos completos (dois deles inéditos) e sete fragmentos (cf. Lourenço, 2020b: 19). Em 16 textos, desde um verbete a um ensaio de maior fôlego, sem nunca abandonar a capacidade simultaneamente elíptica e fulgurante da sua prosa, Lourenço consegue ser tão “omnicomprensivo” (cf. 2020b: 103) quanto diz ser o objeto da sua crítica, abarcando a quase totalidade da obra seniana, como sublinha Gilda Santos: “Eduardo Lourenço visitou quase todos os recessos do literário familiares a Sena, inclusive os menos lembrados, como o de tradutor” (2020b: 22). Assim, Eduardo Lourenço dá atenção ao Sena-crítico, sobretudo camoniano, à ficção — quer aos contos, num dos primeiros ensaios dedicados ao autor e publicado em *O Tempo e o Modo*, em 1967, quer ao romance inacabado, *Sinais de Fogo* —, ao teatro, ao tradutor de Cavafy, ou ao historiador da cultura ocidental, na leitura de *Maquiavel e Outros Ensaios*, tendo sempre presente a poesia e poética senianas, que procura gradualmente descrever. A verdade é que parte das suas reflexões sobre Jorge de Sena tradutor ou crítico ou mesmo dramaturgo são fundamentais para a *leitura estruturante* que pretende fazer de Sena poeta, assinalando as suas virtudes, a capacidade de inovação, e discutindo o lugar muitíssimo peculiar que Sena ocupa na poesia pós-Pessoa.

Neste percurso sinuoso, como é sua marca, Lourenço repete o gesto seniano de inscrição do nome do autor de *Sinais de Fogo* como terceiro elemento da tríade poética portuguesa, depois de Camões e Pessoa; ou, nas palavras de Sena, em entrevista de 1959: “Não faço mais que continuar a boa tradição da poesia portuguesa, toda ela reflexiva, de Camões a Fernando Pessoa” (Sena, 2013: 29). Ao longo destes ensaios, Lourenço revela o seu “perfil crítico passional” (2003: 14), alguém

---

<sup>3</sup> Este aspeto é assinalado na introdução de Gilda Santos ao volume de ensaios de Eduardo Lourenço dedicado a Jorge de Sena (cf. Lourenço, 2020b: 17).



que admira os seus autores e que tudo faz para iluminar a obra reconhecendo a vida e o pensamento de quem a criou. Lourenço é, aliás, um crítico que fala sem pudor dos traços de personalidade de Sena, mas, ao contrário do que outros contemporâneos fizeram, não se refere ao feitio de Sena para corroborar análises psicologistas ou para contribuir para o mito do incompreendido, do mal-amado pela pátria e do poeta agressivo. Mostra antes como essa maneira de ser e como o seu “camoniano génio” (2020b: 65) dão forma ao seu canto raivoso contra o mundo. Nesse sentido, Lourenço faz com Sena aquilo que Sena diz fazer com Camões, no primeiro ensaio crítico que lhe dedica, “A Poesia de Camões: Ensaio de Revelação da Dialéctica Camoniana”, de 1948:

Quis que vísseis, comigo, passo a passo admirados, quão extraordinário poeta ele é, para lá de uma maravilhosa linguagem, para lá da sincera veneração que merece como mestre de um pensamento vital, como figura humana de rara nobreza intelectual, e até como autêntica glória nacional, bem maior e mais universal do que tem sido visto (Sena, 1980: 30).

Para falar de Sena, Lourenço emprega frequentemente o grau superlativo. No verbete dedicado ao autor, dos anos 90, fala da sua personalidade como uma das “mais incisivas e controversas da sua geração” (2020b: 39) e do “encanto paradoxal” que a sua poesia “suscita”, encarada como “uma mistura única de lucidez implacável e de brusquidão de esfolado vivo” (2020b: 40). O que pode parecer estranho neste verbete — revisto por Eduardo Lourenço para o número da *Relâmpago* dedicado a Sena, em 2007 — é a ausência de Pessoa. Em contrapartida, Camões é figura preeminente na poesia e poética seniana, aspeto evidenciado neste mesmo verbete: “O paradigma poético de Jorge de Sena é o de Camões, a quem não só consagrou estudos que fizeram — e fazem — data, mas a quem se assimilou simbolicamente, vendo nele o poeta perseguido pela mediocridade da sua época e pela mentira do mundo” (2020b: 40).

Nas leituras lourencianas sobre Sena, que correspondem também à sua tentativa de o situar na literatura portuguesa, há uma oscilação entre os ponteiros camonianos e pessoanos, sendo frequente Camões ser símile de Sena, e Pessoa, o seu contraponto. Camões é frequentemente convocado nos momentos de enaltecimento de tudo o que de melhor Sena fez não só na poesia — sendo antídoto da ansiedade literária em vários momentos da sua obra, de que o poema “Camões Dirige-se aos seus Contemporâneos” é sem dúvida o ponto culminante —, mas também como figura tutelar das intervenções político-culturais de Sena (veja-se o caso do “Discurso da



Guarda”), contribuindo para a desmitologização do épico e para desprovincializar a imagem da literatura portuguesa.<sup>4</sup>

Ao contrário de Camões, que perpassa a quase totalidade dos ensaios de Lourenço dedicados a Sena, desde a “Nótula a *Uma Canção de Camões*” ao ensaio inédito de maior fôlego, “Imagem camoniana de Jorge de Sena”, de 1987, Pessoa não figura em títulos de ensaios e aparece de forma discreta nos momentos em que é nomeado. Faço ainda notar que Lourenço deu pouca atenção à crítica pessoana de Sena, reunida nos dois volumes organizados por Mécia de Sena, *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima*, de 1982. Num ensaio que poderia anunciar essa atenção crítica, intitulado “Viagem no Imaginário Crítico de Jorge de Sena”, de 1998, Lourenço incide sobre Sena como leitor de literatura em língua inglesa, e até mesmo aqui Pessoa não tem lugar conspícuo. Diferentemente do que acontece enquanto crítico camonista, Sena não recebe atenção como crítico pessoano, embora desde cedo Eduardo Lourenço lhe reconheça um lugar especial e o acompanhe em várias intuições. Porém, nos ensaios dedicados a Sena, os seus comentários ficam-se por referências elogiosas como esta, num texto de 1985: “Sena foi um dos primeiros e dos mais lúcidos comentadores e críticos do Modernismo em geral. Seus estudos sobre Pessoa são bastante conhecidos, assim como sua participação na promoção desse poeta” (2020b: 103–104).

Apesar de ser uma hipótese tentadora, não é certo que o silêncio lourenciano sobre a crítica pessoana, que contrasta com a centralidade de Camões e com a defesa da não-influência de Pessoa na poesia e poética de Sena, se deva ao silêncio de Jorge de Sena sobre *Pessoa Revisitado*. No prefácio à sua 2.<sup>a</sup> edição, em novembro de 1980, Eduardo Lourenço, num tom próximo do de Sena, ao apontar a falta de apreciação dos outros, refere-se à pouca atenção que o livro teria recebido: “este ensaio não encontrou ecos [...] generosos, sobretudo de ordem privada” (Lourenço, 2003: 14). Nessa *ordem privada*, figura, claro, Jorge de Sena, e a mágoa deste seu silêncio é declarada no texto que antecede a correspondência de ambos, datado de 1982, ano da publicação da primeira edição de *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima*:

Nem sempre pude ou calhou que lhe enviasse um eco da emoção ou das interrogações que o seu último livro de poemas ou ensaio me suscitara. Certamente isso o magoaria ou espantaria mais que o

---

<sup>4</sup> Tentei defender uma versão ampliada desta ideia no ensaio “Camões: ensaio de revelação da ‘dialéctica’ seniana”, *Revista Colóquio/Letras*, Jan. 2024, pp. 63–73.

inverso silêncio ocasional a respeito da rara escrita pública do seu interlocutor. Desses silêncios nunca estranhei nenhum, excepto o relativo a *Pessoa Revisitado* (2020b: 160).

Ainda que Eduardo Lourenço justifique o silêncio de Sena — “Talvez desacordo que generosamente não desejou manifestar” (2020b: 160) — e Mécia de Sena o faça com o acontecimento maior da Revolução dos Cravos, é estranha a falta de diálogo sobre o assunto até ao final da vida de Sena,<sup>5</sup> “apesar da insistência do autor em obter deste seu companheiro uma apreciação” (Lourenço, 2020a: 33), como assinala Pedro Sepúlveda na introdução ao primeiro volume de crítica pessoana de Eduardo Lourenço, publicado nas *Obras Completas* da Fundação Calouste Gulbenkian. Coube, na verdade, a Eduardo Lourenço a primeira *leitura estruturante a estranhar* Pessoa, dedicando-lhe a obra que considerou ser o seu livro mais orgânico, assertivo e polémico.<sup>6</sup> Assertividade e polémica são também marcas indeléveis de toda a obra de Sena, que em quantidade e em fôlego se dedicou mais a *estranhar* Camões. Desde os anos 60, sobretudo, a disparidade face ao universo da crítica pessoana é significativa, como assinala Jorge Fazenda Lourenço, num “quadro comparativo da evolução dos estudos camonianos e dos estudos pessoanos de Jorge de Sena”, nele comprovando “uma quase inversão na relação dos dois campos, a partir de 1961” (Lourenço, 2012: 106).

Há dois ensaios lourencianos em que Pessoa não é apenas mencionado, funcionando mais declaradamente como “bússola interpretativa” que ajuda a definir o lugar de Jorge de Sena na história da poesia portuguesa. Em “Poesia e Poética de Jorge de Sena”, ensaio de 1983, Eduardo Lourenço volta a sublinhar a importância de *Uma Canção de Camões* — a breve recensão de 1967, por sinal, o primeiro texto crítico de Lourenço sobre Jorge de Sena, já era disso exemplo, ao assinalar a importância de obra “tão substancial e tão culturalmente polémica”, que pretendia ainda uma “*revisão total da imagem da Literatura Portuguesa*” (2020b: 43) e desejava “pôr fim a uma tradição de crítica impressionista” (2020b: 44). O ensaio de 1983 dá conta de um outro aspeto, a possibilidade de ler Jorge de Sena através deste volumoso ensaio camoniano, por entendê-lo como exemplo maior daquilo que considera ser um “diálogo de vida com as suas referências estelares e, antes de todas, a do autor d’ *Os Lusíadas*” (2020b: 92). Segundo Lourenço, e na senda de Camões,

---

<sup>5</sup> Cf. Carta de Eduardo Lourenço, de 18 de abril de 1974 (Lourenço, 2020b: 266).

<sup>6</sup> Cf. Eduardo Lourenço, “Retrato de um pensador errante”, entrevista de Luís Miguel Queirós, *Pública*, 13 de maio de 2007. Disponível aqui: <https://www.publico.pt/2020/12/01/culturaipilon/noticia/eduardo-lourenco-retrato-pensador-errante-1888070>

a poética de Sena é a da imprecisão, mas a da *imprecisão e a da provocação ética*, distanciando-se da *indiferença* e do sentido lúdico “do momento modernista” de um Álvaro de Campos (2020b: 93 – 94). Neste mesmo ensaio, o contributo de Pessoa para a poesia e poética de Jorge de Sena é relativizado face àquilo que Lourenço considera a predestinação de Sena para se encontrar com Camões e com o seu sentido épico (2020b: 95). Leiam-se dois momentos dessa relativização do contributo de Pessoa para a poesia e poética de Jorge de Sena, reduzindo-se a lição pessoana à poética que pôs fim à equivalência personalidade e poema.

E, se Jorge de Sena aprecia a poética de Pessoa, é na medida em que ela pôs fim à convicção ingénuo de uma correspondência natural entre a emoção e o poema, como era a da poética romântica (Lourenço, 2020b: 95-96).

Só porque o  *fingimento* em que Pessoa resumia a sua poética se propunha — se propôs — arrancar a máscara que a palavra poluída pela mentira inconsciente de si nos cola ao rosto, Jorge de Sena a aceitou. Mas a sua poética era, como a sua poesia o mostra, alheia até a esse fingimento quando, por seu turno, se tornou máscara. A sua poética procedia de mais longe, da fúria camoniana [...] (Lourenço, 2020b: 99).

Neste segundo excerto, do ensaio “Poesia e Poética de Jorge de Sena”, é visível, à semelhança do confronto que Sena opera noutros lugares da sua obra, e em particular na crítica pessoana, a oposição Camões *versus* Pessoa, caminhando Eduardo Lourenço para a ideia que propõe num texto posterior, Jorge de Sena como um anti-Pessoa. No ensaio “Evocação de Jorge de Sena”, de 1985, Lourenço parece ecoar o texto póstumo que teria constituído a introdução à edição seniana do *Livro do Desassossego*, e numa posterior revisitação desse mesmo texto, possivelmente de 2008, Lourenço é ainda mais explícito na evocação deste ensaio de Sena. Diz-nos Sena na “Introdução” ao *Livro do Desassossego*: “Fernando Pessoa não foi, e não é, o Super-Camões que ele profetizou. Mas é (e as farpadas que a Camões várias vezes dirigiu são sintomáticas) o anti-Camões” (2000: 149). Lourenço afirma, por sua vez, no fragmento de 2008:

Hoje, passados 30 anos sobre a sua morte, com o planeta Pessoa convertido numa espécie de lua portátil e estéril, a sua espécie de poética da veemência, exigindo do mundo uma existência à medida do nosso inesgotável gosto dele, parece desenhar a figura de Sena como a de um anti-Pessoa. Ele



mesmo [...] sugeriu essa inscrição, assimilando-se ao nosso épico por excelência, Camões, e vendo em Pessoa um anti-Camões (Sena, 2020b: 347).

Jorge Fazenda Lourenço assinalou o facto de o confronto Camões *versus* Pessoa se dar sobretudo em dois estudos senianos da década de 60, na introdução ao *Livro do Desassossego*, como já foi referido, e no estudo dedicado ao poema “Ela Canta, Pobre Ceifeira”, notando ainda o facto de esta “acareação” (cf. Lourenço, 2012: 107) acontecer depois do primeiro prefácio a *Poesia — I* (texto fundador da poética do testemunho seniano) e no “auge dos estudos camonianos” (cf. Lourenço, 2012: 107), durante o seu tempo brasileiro. Apesar de considerar a ideia de um “anti-Camões” “uma pedra fundamental para o desenvolvimento da poética seniana do testemunho” (Lourenço, 2012: 108), Fazenda Lourenço recusa a ideia de que Sena seja um anti-Pessoa: “Não porque Jorge de Sena se veja como um ‘anti-Pessoa’, e muito menos como um ‘super’, e sim porque retira do confronto de ambos, ou das contingências de ambos, a sua ‘lição” (Lourenço, 2012: 108).

Uma leitura diferente é a de Rita Patrício, que não nega a carga polémica que prefixos como “super” e “anti” podem ter na história da poesia, e na história da poesia contada por Sena — e também, é claro, na que antes foi contada por Pessoa. No ensaio “Jorge de Sena e Fernando Pessoa, Anti-Camões”, detém-se na análise de diferentes ensaios senianos sobre a figura tutelar de Pessoa, assinalando como Sena proclamará “programaticamente a sua distância relativamente a ele, aspecto fundamental da sua autobiografia intelectual” (Patrício, 2022: 50). Rita Patrício demonstra argutamente como o gesto seniano de ver em Pessoa um anti-Camões, na introdução ao *Livro do Desassossego*, serve a “Sena para relativizar Pessoa” (2022: 45). O ensaio comprova plenamente a asserção que o encerra: “Sena só se reconhecerá quando se disser anti-Pessoa, podendo continuar a boa tradição lírica portuguesa” (Patrício, 2022: 50).

Coube a Eduardo Lourenço desenhar nos seus ensaios esse anti-Pessoa, seguindo de perto as indicações do próprio Jorge de Sena. De regresso ao texto de 1985, ensaio onde ocorre por duas vezes o termo “anti-Pessoa”, e possivelmente o mais assertivo na recusa da influência de Pessoa no projeto poético de Sena, faço notar a sua proximidade dos textos senianos, nomeadamente daqueles que opõem Camões a Pessoa, insistindo no contraste entre quem teve uma vida *em pedaços*



*repartida* e quem foi “o homem que nunca foi”,<sup>7</sup> na alusão a um dos ensaios finais de Sena sobre Pessoa.

A “poética” de Pessoa não deixou traços marcantes em Jorge de Sena. [...] Ninguém, tanto quanto Jorge de Sena, alterou e transfigurou essa herança, a ponto de tornar-se pouco a pouco uma espécie de anti-Pessoa [...]. Ao contrário de Pessoa, Jorge de Sena foi sempre, não somente o poeta para quem o *mundo* existe [...], mas um poeta para quem só *este mundo* existe. [...] O que foi para Pessoa uma ficção sob o nome de Alberto Caeiro [...] foi sempre, para o engenheiro Jorge de Sena, *uma evidência*. Seus sofrimentos, suas alegrias, suas imprecações se situam sempre no interior do nosso mundo e em função dele [...] (Lourenço, 2020b: 105).

Esta passagem é um bom exemplo de como os ponteiros interpretativos passam a ser mais senianos e menos pessoanos, transformando-se o amador Lourenço no amado Sena ao recuperar a tese central do prefácio da primeira edição de *Poesia—I*. “Num país em que ser-se poeta é ser-se um profissional do sentimento oportuno” (Sena, 2013: 725), Sena reconhece que o fingimento pessoano foi uma importante lição. Contudo, para Eduardo Lourenço, Sena só se assume plenamente como poeta e com uma poética singular se for um anti-Pessoa, já que ser-se anti-Pessoa é, neste caso, ser um Camões “redivivo”,<sup>8</sup> e este Camões *redivivo* entende a poesia como um processo testemunhal, “cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando” (Sena, 2013: 726).

## Referências

- LOURENÇO, Eduardo (2023) *Tempo e Poesia*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Gradiva.
- \_\_\_\_ (2020a) *Obras Completas. Pessoa Revisitado. Crítica Pessoaana I. (1949–1982)*, vol. IX, coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- \_\_\_\_ (2020b) *Obras Completas. Jorge de Sena, Contemporâneo Capital*, vol. X, coordenação, introdução e notas de Gilda Santos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- \_\_\_\_ (2003) *Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Gradiva.

<sup>7</sup> Refiro-me à comunicação “Fernando Pessoa: o Homem que Nunca Foi”, apresentada no final do *Simpósio Internacional sobre Fernando Pessoa*, em 1977, na Brown University. In *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> heterónima (Estudos Coligidos 1940–1978)*, 3.<sup>a</sup> ed. rev. e aument., ed. Mécia de Sena, Lisboa, Edições 70, 2000, pp. 347–370.

<sup>8</sup> Cf. Carta de Eduardo Lourenço a Jorge de Sena, de 18 de abril de 1974 (2020b: 263).



- LOURENÇO, Jorge Fazenda (2012) “Lendo Jorge de Sena Leitor de Fernando Pessoa”, *Pessoa Plural*, 2: 88–114.
- PATRÍCIO, Rita (2022) “Jorge de Sena e Fernando Pessoa, o Anti-Camões”, in *A Crítica de Jorge de Sena*, Coord. Joana Matos Frias e Joana Meirim, Lisboa, BNP, 41–50.
- SENA, Jorge de (2013) *Poesia 1*, Ed. Jorge Fazenda Lourenço, Lisboa, Guimarães.
- \_\_\_\_\_ (2013) *Entrevistas 1958–1978*, Ed. Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço, Lisboa, Guimarães.
- \_\_\_\_\_ (2000) *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (Estudos Coligidos 1940–1978)*, 3.ª ed. rev. e aument., Ed. Mécia de Sena, Lisboa, Edições 70.
- \_\_\_\_\_ (1980) *Trinta Anos de Camões: 1948–1978 (Estudos Camonianos e Correlatos)*, Ed. Mécia de Sena, Vol. I., Lisboa, Edições 70.
- SOUSA, Carlos Mendes de (2021) “O desarrumador infinito”, *Atas Congresso Fernando Pessoa 2021*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, 59–67.



**Joana Meirim** é professora no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) da mesma universidade. Coorganizou, entre outros, os volumes *A Crítica de Jorge de Sena* (BNP, 2022) e *Florilégio* (não (edições), 2023). É autora de *O Essencial sobre as Três Marias* (INCM, 2023) e de *Uma Carta à Posteridade. Jorge de Sena e Alexandre O'Neill* (INCM, 2024).

